

**Luís Adriano Carlos (ed). *Árvore: Folhas de Poesia*.
Facsimile. Porto: Campo das Letras, 2003.**

Daniela Kato

A passagem de cinquenta anos sobre a extinção da revista *Árvore* proporciona um excelente pretexto para revisitar uma década inegavelmente importante, ainda que atravessada por contradições várias, para a poesia portuguesa. Uma década vivida não só sob o peso opressivo da ditadura salazarista, mas também, num plano mais vasto, na sombra das consequências desastrosas da segunda guerra mundial e das tragédias de Auschwitz e Hiroshima. A ambos os contextos os poetas da *Árvore* respondem com uma poesia que negocia de forma decisiva os legados modernista e neo-realista das décadas anteriores e que abre importantes caminhos às gerações seguintes na sua revalorização do rigor retórico da palavra e numa clara tendência anti-discursiva. Com efeito, ainda que de existência efémera – da revista apenas foram publicados quatro fascículos, entre o Outono de 1951 e a Primavera de 1953, altura em que o regime salazarista lhe decretou a morte – *Árvore* cria um espaço renovado para uma praxis poética que dá a lume nomes como António Ramos Rosa, Raul de Carvalho, José Terra, Albano Martins, Luís Amaro, Egito Gonçalves e Cristovam Pavia, para além de chamar a si colaborações importantes de Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira, Jorge de Sena e Eugénio de Andrade e de incluir ainda traduções de poemas de Rilke (de Paulo Quintela), Stephen Spender e W. H. Auden (de Jorge de Sena), René Char, Paul Éluard e Henri Michaux (de Ramos Rosa).

Numa época caracterizada por um *ethos* pessimista e céptico, em que a confiança num progresso da história em direcção aos “amanhãs que cantam” se torna dificilmente sustentável, não surpreende que esta nova sensibilidade poética se afirme ao arrepio dos aspectos mais radicalmente ideológicos e panfletários da estética neo-realista dominante na década de quarenta. Como refere Luís Adriano Carlos na sua excelente introdução a esta edição facsimilada dos quatro números da revista, o projecto de *Árvore* marca o recrudescimento de uma consciência modernista que a *Presença* tinha reavivado e que os poetas associados aos *Cadernos de Poesia*, com destaque para Jorge de Sena, converteram numa forma de resistência às tendências anti-modernistas de certo neo-realismo (x). Porém, ao contrário das orientações lírico-expressivas

do grupo ligado à *Távola Redonda* – outra revista coeva que reage ao legado neo-realista, mas que se localiza bem mais à Direita do espectro político – os poetas de *Árvore* não descartam o discurso social da poesia, buscando antes um compromisso nem sempre fácil entre a autonomia estética do poema e uma dimensão ética atenta às contingências da realidade.

Este novo programa poético constitui-se assim como charneira entre o esteticismo e o realismo de cunho existencialista, dando lugar ao que Adriano Carlos apelida de “um realismo fenomenológico mais realista do que os realismos convencionais” (xi) – um realismo enraizado nas exigências do real humano, mas que não deixa de aspirar a um universalismo de dimensão cosmológica. Veja-se, a propósito, o belíssimo ensaio de António Ramos Rosa no derradeiro número da revista e que significativamente se intitula “A Poesia É um Diálogo com o Universo.” E talvez valha a pena citar aqui alguns passos, pelo que neles há de demanda exemplar de uma cultura de resistência num tempo de censura e silêncio forçado bem diferente do nosso, mas ainda assim uma cultura de sobrevivência intelectual e criativa cuja necessidade não deixa hoje de ser menos premente para fazer face a um outro tipo de silêncios e conformismos:

É raro encontrar em Portugal estas grandes ondas de fraternidade que fazem da solidão uma habitação humana e onde os câmbios espirituais frutificam em estímulos, orientações e obras. (...) A poesia como exercício espiritual permanente é ainda alguma coisa que a maior parte dos poetas portugueses ignora, seja porque são assoberbados pelas condições miseráveis da sua vida, seja porque lhes atribuem uma primazia e uma fatalidade que elas espiritualmente não têm. (...)

Com razão se fala no individualismo dos portugueses: e esta incapacidade para a unidade na generosidade, (...) para o diálogo, enfim, parece-nos ser uma das mais calamitosas deficiências do português, que oscila entre o indiferentismo e o fanatismo. (...)

Teremos nós força e alma suficientes para imprimir no nosso meio estas energias revoltadas generosas que não se compadecem com a abdicação e o funcionamento arbitrário da angústia e crêem na possibilidade de uma renovação espiritual promovida pela poesia? (*Árvore*, 1, vol. II: 12)

Uma questão para a qual o leitor encontrará algumas respostas nas folhas e ramos de poesia desta *Árvore*.

Daniela Kato é licenciada em Direito pela Universidade Católica e em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses e Ingleses pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Actualmente prepara a dissertação de doutoramento em Literatura Inglesa nesta Faculdade, sendo bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Tem como principais interesses de investigação a poesia do modernismo; teoria dos géneros e poética comparada; nacionalismos e etnias na literatura inglesa do séc. XX; orientalismo. Email: ytd.kato@mail.telepac.pt